



REVISTA DE DIFUSIÓN ACADÉMICA

ISSN 2718-6318

Año IV | Número 15 | Octubre 2023

**AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS EPISTEMOLÓGICAS:
(des)prendimentos na América Latina contemporânea contra
hegemonia dos centros**

**RELACIONES INTERNACIONALES EPISTEMOLÓGICAS:
alejamiento en la América Latina contemporánea frente a la
hegemonía de los centros**

**EPISTEMOLOGICAL INTERNATIONAL RELATIONS:
detachment in contemporary Latin America against the
hegemony of the centers**

Fábio do Vale¹

Camila Feix Vidal²

¹ Professor Doutor em Estudos de Linguagens pela UFMS – Coordenador acadêmico da Faculdade Insted. Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais (PPGRI/UFSC).

² Professora Doutora, Docente Adjunta no Departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) onde atua no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais (PPGRI) e no Curso de Graduação em Relações Internacionais.

Resumo: O presente trabalho visa apresentar – por meandros epistemológicos – a proposta de pesquisa no pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais (PPGRI) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Nesse ínterim, este artigo visa apreciar e divulgar por outra visada a América Latina (AL) e suas relações político-culturais que passam a ser (re)pensadas quando se pode identificar as fendas no relacionamento da nossa Pátria Grande (AL) com os países categorizados como de centro. O *modus operandi* deste artigo visa escantear as criticidades hegemônicas, estadunidenses e eurocêntricas para o descortinar das teorizações contemporâneas. Reconhecer a contribuição latino-americana para com os grande centros está imbricado na proposta interacionista que até o final do século XX era bastante problemática, embora ainda o seja, as relações internacionais dos países latino-americanos com os grandes centros passaram – paulatinamente – a serem aliançadas pelas facilidades de mercado e, sobretudo, pela relação mercadológica artística que impulsionou e ainda impulsiona projetos cada vez mais confluentes na contemporaneidade. Em valoração pós-doutoral este artigo busca apresentar dados que demonstram o quão a América Latina ainda cumpre um papel dependentista em sua relação periférico-centrista, porém com o fito de se *publicare et propagare* este trabalho que despoje as vestes cartesianas demonstrando o valor das criticidades latino-americanas e suas contribuições nas relações internacionais contemporâneas com ancoragem epistêmico-descolonial, ou seja, com teorizações que emergem da nossa América Latina.

Palavras-chave: Relações internacionais. América Latina. Descolonização. Contemporaneidade.

Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo presentar – a través de caminos epistemológicos – la propuesta de investigación de posdoctorado en el Programa de Posgrado en Relaciones Internacionales (PPGRI) de la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC). En tanto, este artículo pretende apreciar y difundir América Latina (LA) y sus relaciones político-culturales desde otra perspectiva, las cuales son (re)pensadas cuando es posible identificar las grietas en la relación de nuestra Patria Grande (LA) con los países categorizados como de centro. El *modus operandi* de este artículo pretende proponer las críticas hegemónicas, estadunidenses y

eurocéntricas para revelar las teorías contemporáneas. Reconocer el aporte latinoamericano a los grandes centros está imbricado en la propuesta interaccionista que hasta fines del siglo XX fue bastante problemática, aunque aún lo es, las relaciones internacionales de los países latinoamericanos con los grandes centros comenzaron -poco a poco- a ser aliado a las facilidades del mercado y, sobre todo, a la relación de marketing artístico que impulsó y aún impulsa proyectos cada vez más confluyentes en la contemporaneidad. En evaluación posdoctoral, este artículo busca presentar datos que demuestren cómo América Latina aún juega un papel dependiente en su relación periférico-centrista, pero con el objetivo de *publicare et propagare* esta obra que se despoja de las vestiduras cartesianas, demostrando el valor de la crítica latinoamericana y sus aportes a las relaciones internacionales contemporáneas con anclaje epistémico-decolonial, o sea, con teorizaciones que emergen de nuestra América Latina.

Palabras clave: Relaciones Internacionales. América Latina. Descolonización. Contemporaneidad.

Abstract: The present work aims to present – through epistemological intricacies – the post-doctoral research proposal in the Graduate Program in International Relations (PPGRI) at the Federal University of Santa Catarina (UFSC). In the meantime, this article aims to appreciate and disseminate Latin America (LA) and its political-cultural relations from another perspective, which are (re)thought when it is possible to identify the cracks in the relationship of our Great Homeland (LA) with the countries categorized as central. The *modus operandi* of this article aims to sidestep the hegemonic, US and Eurocentric criticisms to reveal contemporary theories. Recognizing the Latin American contribution to the great centers is imbricated in the interactionist proposal that until the end of the 20th century was quite problematic, although it still is, the international relations of the Latin American countries with the great centers began – gradually – to be allied by market facilities and, above all, by the artistic marketing relationship that boosted and still drives increasingly confluent projects in contemporary times. In post-doctoral evaluation, this article seeks to present data that demonstrate how Latin America still plays a dependentist role in its peripheral-centrist relationship, but with the aim of *publicare et propagare* this work that strips away the Cartesian clothes,

demonstrating the value of criticism Latin American and their contributions to contemporary international relations with epistemic-decolonial anchoring, that is, with theorizations that emerge from our Latin America.

Key words: International relations. Latin America. Decolonization. Contemporaneity.

Agora não se tratava mais de uma questão de “situar” a América Latina. Tratava-se de situar todas as culturas que inevitavelmente se enfrentam em todos os níveis da vida cotidiana: a comunicação, a educação, a pesquisa, a política de expansão ou de resistência cultural ou mesmo militar. Sistemas culturais, cunhados por milênios, podem quebrar em décadas, ou se desenvolver pelo choque com outras culturas. Nenhuma cultura tem assegurada a sobrevivência de antemão. Tudo isso tem sido intensificado hoje, momento crucial na história das culturas do planeta.

DUSSEL. Transmodernidade e interculturalidade, p. 57.

Nossa leitura teórica propõe uma alternativa que foge do domínio acadêmico estadunidense no campo das Relações Internacionais já reconhecido por determinada literatura (HOFFMANN, 1977; TICKNER, 2003; ACHARYA; BUZAN, 2010; TICKNER; INOUE, 2016; VILLA et al., 2017) vinculando teoria com a empiria de uma pesquisa que pretende apontar a continuidade de uma dependência econômica e intelectual da América Latina em relação ao centro dominante.

LOPEZ; VIDAL. (Re)pensando a dependência latino-americana, p. 12.

As práticas teóricas subalternas tendem a emergir das bordas, cada vez mais, para barrar as histórias, as teorias e as críticas de caráter acadêmico e disciplinar que ainda, em pleno século 21, apesar de cada vez menos, teimam em se hospedar na casa da anfitriã na tentativa universalizante e hegemônica de subestimar a produção de saberes e de subjetividades específicas que encenam nas bordas por meio da representação, cada vez maior, das histórias locais fronteiriças.

NOLASCO. Crítica Biográfica Fronteiriça, p. 63-64.

Este artigo científico se ancora, através das epígrafes arroladas para a introdução deste trabalho erigido por meio do pós-doutoramento são confluentes com a preocupação de muitos internacionalistas contemporâneos. Propor um olhar desviante às práticas dos grandes centros é partir para um descortinar epistêmico

e, ao mesmo tempo, necessário para que se possa emergir as nossas latinidades com as proposições que deveras nos atravessam. Pensar essa problemática através do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais (PPGRI) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) é *pari passu* ao comprometimento acadêmico da academia brasileira, um exercício de consciência de que os projetos hegemônicos assolam e atravancam diversas questões culturais e epistemológicas em nossa comunidade latino-americana.

A fugacidade do domínio estadunidense e eurocêntrico (QUIJANO, 2005, p. 135) em nosso cotidiano da América Latina passa a ser vislumbrado quando operacionalizamos – inicialmente – essa percepção, ou seja, para que haja o desprendimento do referente, como Estados Unidos e Europa em que tentam engendrar como força motriz operacional, é preciso considerar que as esferas capitalista, política e cultural imbricam em um propósito de rito colonizador que oprimem circuitos diretos por abarcarem forças econômicas, propositando assim, dificuldades dos países – regiões – que almejam seguir suas convenções sem amarras opressoras.

Nessa esteira, destacamos que o Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (IBRI), fundado em 1954 foi edificado em um período de grandiosas especulações do mundo para com o Brasil. Após a Segunda Guerra Mundial, o Brasil passou a ser cogitado para ocupar algumas vitrines ao atender ao convite dos Estados Unidos em conformidade com o partícipe combate até 1945. Nota-se que o Brasil passou a dinamizar suas relações internacionais ao se aliar à potência estadunidense que até hoje – na contemporaneidade – se mantém sólida com o maior PIB do mundo. Acompanhar esse processo notabilizado historicamente demonstra o quão passa ser necessário se pensar as relações internacionais epistemológicas com a labuta de se conquistar e exercitar (des)prendimentos na América Latina contemporânea contra hegemonia (QUIJANO, 2005, p. 121) dos centros.

A proposta edificante para o desenvolvimento do pós-doutorado em Relações Internacionais pela UFSC incute – para a além das atualizações acadêmicas – uma proposta que quantifica a América Latina à revelia dos insistentes (des)caprichos hegemônicos que impedem a nossa região em se desenvolver com a força plural das suas latinidades. Nessa verve cultural e epistemológica projetar esta pesquisa

para o pós-doutoramento, imbricado pela premissa de se organizar os passos das teorizações aplicadas em nossas América Latina, engendra, nesse responsivo trabalho, a lume da criticidade periférica, que as produções delineadas neste artigo contribuirão para a fuga do domínio epistêmico capitalista-opressor que dita e insiste contar a história que escrevemos.

A dependência latino-americana – se não averiguada – acaba por potencializar a força dos países de grandes centros. As relações internacionais angariadas pelo Brasil, traz em seu feito histórico um comprometimento de extensão cultural. Muito embora sejamos jovens enquanto país independente, políticas públicas como a edificação do SUS – Sistema Único de Saúde, o direito ao voto feminino desde 1932, mesmo disposto com condicionais, são fatores que projetam o Brasil como referencial mundial. Naturalmente, essas questões assomam para que a nossas relações sejam ainda mais assíduas na esteira contemporânea, por isso, pensar este artigo, sem que haja esse (des)pensar, consecutivamente teremos a manutenção crítica internacional quando muito podemos pensar, produzir e contribuir internacionalista(mente).

Para além da posição socioeconômica brasileira que nos projeta no cerne do capital-mundial, nos últimos vinte anos, a manutenção dessa relação se dá, por exemplo, em reconhecermos o nosso local de fala, por assim dizer, o nosso lócus de enunciação. Fomos e ainda somos subestimados por produzirmos da periferia. Considerando os grande centros, tudo o que não está nesse ponto-referencial, está na margem desse centro, ou seja, na periferia, na fronteira, por vezes limítrofe-geográfica e epistemológica. Nesse viés acadêmico cultural, as relações internacionais demonstraram, nos últimos vinte anos, o crescente intercâmbio de trabalhos em universidades e empresas que têm apostado e valorado estudantes e profissionais latino-americanos demonstrando interdependência laboral do que aqui produzimos, porém isso não reverbera a condicional do nosso posicionamento por meio das nossas criticidades científicas, culturais e, principalmente, humanísticas.

O referente deste trabalho – para fomento das relações internacionais – preconiza a égide de um produto de pós-doutoramento que se preocupa através da academia latino-americana. Muito se tem pensado e discutido a América Latina com – grande

parte das vezes – apenas intelectuais não latino-americanos. Isso é indubitavelmente problemático quando passa a ser o único referente.

A comunidade de estudiosos internacionalistas da América Latina têm demonstrado essa preocupação, pois, relacionar debates com intelectuais não latinos, têm trazido falas inerentes ao posicionamento que não emerge daqui, deste lócus de produção crítico-cultural. Nesse viés Acadêmico-cultural, este artigo visa desprender visadas que por inobservância acabam replicando teorias de centros que não dão conta das demandas regionais e quiçá internacionalistas da nossa América Latina.

AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: uma visada latino-americana

Nesse sentido, compreende-se que a produção de conhecimento advinda do centro se encontra ancorada em uma dada lógica de domínio, tanto em termos materiais como de conhecimento produzido. Desse modo, se torna necessário levar em consideração as singularidades históricas, geográficas, políticas, econômicas e sociais, buscando romper com uma dependência teórico-estrutural no âmbito das Relações Internacionais (RI) latino-americanas frente aos Estados Unidos (EUA), assim como com uma dependência de práticas e políticas econômicas na região.

LOPEZ; VIDAL. (Re) pensando a dependência latino-americana, p. 03.

No início dos anos 60, um programa de bolsas para a América Latina, Ásia e África foi implantado, visando a apoiar pessoas dessas regiões para estudo no Brasil, nas áreas de graduação e pós-graduação. Ao que parece, essa iniciativa veio reforçar a posição brasileira como centro, em termos de pesquisa na América Latina, posição anteriormente ocupada pela academia argentina.

SARAIVA; CERVO. *O crescimento das Relações Internacionais no Brasil*, p. 178.

Enquanto os países industrializados no centro do sistema capitalista mundial podem ser considerados interdependentes, a periferia deve ser caracterizada como dependente. Embora a condição de dependência inclua uma ampla gama de formas de desenvolvimento (desde o enclave agrícola até a industrialização), ela não consegue produzir desenvolvimento autossustentável, permanecendo estruturalmente dependente da importação de capital e tecnologia estrangeiros.

FERES JÚNIOR. *A história do conceito de Latin America nos Estados Unidos*, p. 177.

Os recortes predispostos nas epígrafes anteriores abrem a corroboração eleita para o desenvolvimento desta pesquisa científica. É sabido que os estudos de Relações Internacionais (RI) são diversificados, porém canalizados. A forma-maneira como esses trabalhos se desenvolvem estão notavelmente interligados aos países que relacionam e qual a necessidade em que se esses interagem. Nos últimos anos, o Brasil tem se destacado na América Latina (LOPEZ; VIDAL, 2022, p. 23) pelo comprometimento dos estudos desenvolvidos nos bons programas de pós-graduação do nosso país.

Pensar a dependência do Brasil no que tange a relação estadunidense e europeia requer – incipientemente – (des)ver a tensão que uniu essas relações historicamente. O que vem sendo disseminado, compartilhado e ensinado nos programas de pós-graduações do país acabam caindo por terra quando não são ancorados nas dinamicidades genuinamente aplicadas em nossa América Latina, ou seja, a partir das nossas teorizações.

A criticidade descolonial (MIGNOLO, 2008, p. 289), como prática e modo epistêmico-acadêmico, passa a descortinar essas modalidades por permitir que o indivíduo – sujeito da investigação – esteja inscrito em suas materializações acadêmicas. Essa prática proporciona, por exemplo, que o investigador considere seus atravessamentos de vida e políticos para, a partir e com esse basilar, conseguir enunciar com propriedade do que experienciou. Por isso, (re)pensar a dependência latino-americana é *a priori* considerar que as teorizações dos grandes centros não sejam o nosso ponto de partida o que equivocadamente vem acontecendo em muitos projetos latino-americanos.

Nesses meandros internacionalistas, este artigo epistemológico, ancora-se na criticidade descolonial por excelência, ou seja, uma proposta que visa trabalhar à desobediência epistêmica uma vez que se essa tensão não for parametrizada, não haverá interação, ou seja, as pseudorredações internacionais acabam não se materializando, pois aqui (AL) muito se replica as teorizações e práticas das relações internacionais utilizando os moldes dos grandes centros, portanto, ao relacionar o produto externo com uma proposta interna que apenas replica o

externo, não estamos falando de relação, mas de convalidação de práticas políticas, culturais e, principalmente, epistemológicas desses grandes centros.

(Re)pensar a América Latina (QUIJANO, 2005, p. 135) e suas relações com os demais polos do mundo, nesse preciso sentido, é proporcionar que os programas de pós-graduação promovam as suas interações conscientes de que é preciso valorar a nossa obra-prima crítica, pois, embora seja um trabalho hercúleo, sistematizaremos a preocupação de grande parte dos internacionalistas latino-americanos tendo essa proposta – a partir dos programas de pós-graduação – como ponto de partida, ou por melhor dizer, como contraponto ao que está posto pela hegemonia (FERES JÚNIOR, 2005, p. 172) histórica dos Estados Unidos, fossilizada(mente), ainda mais pela Europa.

A utilização de práticas descoloniais para (re)repensar a dependência latino-americana faz jus à proposta deste trabalho. Primeiro por compreender a necessidade de afastamento cultural e epistemológico para que as nossas práticas e criticidades sejam valoradas e, segundo, caso não houvesse nesse prisma investigativo a eleição descolonial (MIGNOLO, 2008, p. 290), cumpriríamos um papel que replica os engendramentos dos grandes centros, pois, grande parte das vezes se utilizam apenas intelectuais não latino-americanos para dar conta das nossas demandas e especificidades.

É nessa esteira contemporânea que (re)repensar a dependência da América Latina (FERES JÚNIOR, 2005, p. 16) se faz necessário para que haja o descortinar dependentista prefigurando oportunidades, *outras*, ou seja, descoloniais, cuja finalidade é valorar as nossas tensões para saber inclusive os melhores passos de interação com os produtos externos, em contrapartida, acabaremos difundindo saberes que não são discernidos, ou quase nada, por nós latino-americanos, logo, a desobediência epistêmica é essencial e referente ponto de partida como enaltece o professor argentino Walter Mignolo, docente nos Estados Unidos:

A opção descolonial é epistêmica, ou seja, ela se desvincula dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento. Por desvinculamento epistêmico não quero dizer abandono ou ignorância do que já foi institucionalizado por todo o planeta (por exemplo, veja o que acontece agora nas

universidades chinesas e na institucionalização do conhecimento). Pretendo substituir a geo- e a política de Estado de conhecimento de seu fundamento na história imperial do Ocidente dos últimos cinco séculos, pela geo-política e a política de Estado de pessoas, línguas, religiões, conceitos políticos e econômicos, subjetividades, etc., que foram racializadas (ou seja, sua óbvia humanidade foi negada). Dessa maneira, por “Ocidente” eu não quero me referir à geografia por si só, mas à geopolítica do conhecimento (MIGNOLO, 2009, p. 290).

Notamos que o tratado sugestivo de Mignolo (2009) considera pontos que na face internacionalista mundial pouco se aprecia. O Brasil – em virtude das suas dimensões demográficas colossais – se destaca, pois temos dentro da nossa própria nação, correntes projetos que se assemelham às relações internacionais, pois experienciaríamos com a nossa vasta fronteira, desenvolvimentos fronteiriços, ou seja, ações que se constituem nem antes e nem depois da fronteira, mas em sua espinha-dorsal epistemológica que mundialmente pouco se reconhece.

A desobediência epistêmica, portanto, se ancora na premissa de que a nossa crítica, sendo da periferia (LOPEZ; VIDAL, 2022, p. 10), possui o seu espaço e contribuição. O que vem acontecendo mundialmente é que muitas ações internacionalistas querem utilizar os avantajados e robustos cofres dos líderes mundiais como parametrização de relacionamento, o que não apenas prejudica, mas impacta na possibilidade de que haja espaço e oportunidade de mercado para os grandes negócios da era contemporânea.

Pensar as relações internacionais como ponto de partida para esse entrave latino-americano demonstra a solidez desta discussão que estamos propondo. A tecnologia PIX, por exemplo, integralmente brasileira, inovou mundialmente o sistema bancário na operacionalização de transferências bancárias. Nesse invólucro descrito, pensemos que o Brasil, até mesmo com a solidez das urnas eletrônicas eleitorais, tem servido e, sobremaneira, ensinado ao mundo como conduzir processos bancários podem ser realizados com segurança, assim como a desenvoltura de processos eleitorais.

Quando se pensa que esses acontecimentos se dão em nosso país e programas, pesquisadores e docentes latino-americanos ainda trazem Estados Unidos (LOPEZ;

VIDAL, 2022, p. 03) e Europa como referenciais de mercado e cultura, percebe-se que uma das quatro pernas do berço referencial está quebrada. A consciência de se perceber a unicidade internacionalista se dá também pela desobediência epistêmica, em se pensar por exemplo, que os produtos ensinados mecanicamente dentro das pós-graduações da América Latina (FERES JÚNIOR, 2005, p. 183), são em verdade (des)verdades político-pedagógicas.

Não utilizar o fortalecimento científico-intelectual da nossa produção epistemológica e, sobretudo, cultural, como já posto neste artigo, além da não promover edificação nos processos laborais que desenvolvemos, potencializando o que historicamente já está solidificado, logo, a inobservância dessa tensão, estenderá a fragilidade das relações internacionais do mundo para com a América Latina no bojo da contemporaneidade. Pensar que o ideal moderno cartesiano europeu e estadunidense existe, porém que esses não são os nossos pontos de partida, fortalece as nossas latinidades, o que reverberará em nossas relações internacionais:

Também é necessário que se atente para as marcas do *locus* e do *bios* que vêm incrustadas tanto nos *corpora* das produções culturais, quanto nas formulações conceituais emanadas dessas produções por meio de uma produção de conhecimento outro. Deve-se atentar, ainda, para a proposta político-epistemológica dos projetos subalternos intelectuais, bem como de seus respectivos autores, saídos desses lugares esquecidos e relegados à *exterioridade*, pela civilização ocidental. *Uma teorização de ordem biográfica fronteiriça*, como estou propondo aqui, não menospreza os saberes advindos da vida do local em questão, mesmo quando se tem consciência de que já existe toda uma articulação epistemológica outra pensada desses lugares outros que permaneceram no fora do sistema colonial moderno (NOLASCO, 2015, p. 63-64).

Recrutar o que vem sendo ensinado nos programas de pós-graduação é um medidor para que se perceba o comprometimento das universidades latino-americanas e, conseqüentemente, como a nossa crítica, periférica, fronteiriça tem transitado nos diálogos internacionais. O que pensamos na América Latina, muitas das vezes não atinge o mercado por não haver espaço para propostas genuinamente latinos nos contratos diversos.

Há muitos países que enviam suas filiais para a nossa região e esses designados organizam seus sistemas e suas formas de mercado utilizando matéria-prima para aquecer o mercado mundial prejudicando exponencialmente as tratativas mercadológicas reais, ou seja, aquelas que promovem a internacionalização do mercado em suas cordialidades de relações. Nota-se que a dependência periférica se dá pelo controle maciço dos grandes centros como destaca Jahde Lopez e Camila Feix Vidal:

A junção do governo estadunidense com os *think tanks* corroborou para a implementação de uma hegemonia que se encontra embasada dentro de um discurso ideológico que gera consentimento, como é o caso do instituto núcleo difusor do pensamento neoliberal a partir dos anos 1990, a Atlas Network. O uso de conceitos e ideias criados pelo centro e importados pela periferia, como é o caso da agenda neoliberal, pressupõe e reproduz a manutenção de condições de dependência no sistema internacional (LOPEZ; VIDAL. 2022, p. 11-12).

A descolonização se afasta de qualquer conluio percebendo e agindo para discernir que não deve existir dependências, mas confluências contributivas entre as relações internacionais. Nesse preciso sentido, este artigo de com finalidade contributiva à academia por meio do pós-doutoramento busca socializar essas práticas com a descolonização (MIGNOLO, 2008, p. 294) vigente em nossa América Latina. A relação de dependência muitas vezes – ainda – acontece por parecer que nós, habitantes fronteiriços, não somos páreo para se sentar à mesa com os negócios de grandes centros. Nessa esteira apreciativa, Aníbal Quijano acrescenta:

Neste sentido, o processo de independência dos Estados na América Latina sem a descolonização da sociedade não pôde ser, não foi, um processo em direção ao desenvolvimento dos Estados-nação modernos, mas uma rearticulação da colonialidade do poder sobre novas bases institucionais. Desde então, durante quase 200 anos, estivemos ocupados na tentativa de avançar no caminho da nacionalização de nossas sociedades e nossos Estados. Mas ainda em nenhum país latino-americano é possível encontrar uma sociedade plenamente nacionalizada nem tampouco um genuíno Estado-nação. A homogeneização nacional da população, segundo o modelo eurocêntrico de nação, só teria podido ser alcançada através de um processo radical e global de democratização da sociedade e do Estado. Antes de mais nada, essa democratização teria implicado, e ainda deve implicar, o processo da descolonização

das relações sociais, políticas e culturais entre as raças, ou mais propriamente entre grupos e elementos de existência social europeus e não europeus. Não obstante, a estrutura de poder foi e ainda segue estando organizada sobre e ao redor do eixo colonial (QUIJANO, 2005, p. 135).

A estrutura do poder colonial – cartesiano e opressor majoritariamente – elucidada por Quijano (2005) demonstra que as relações internacionais acabam sendo convalidações, por exemplo, impera no corpo-de-estado do outro, ou seja, um nação, embora independente, oprimida pelo sistema moderno ditador, acaba omitindo, em nossos casos, as nossas latinidades que passou a ser percebido pela prática da descolonização (MIGNOLO, 2008, p. 296) cultural, epistemológica e, também, política. Ainda nesse rito sinestésico internacionalista Nolasco (2015) destaca a importância do pensamento fronteiriço como propriedade cultural:

Até aqui, procurei pontuar tão somente duas questões as quais vejo como essenciais para a discussão que proponho e que atende pela rubrica de Crítica Biográfica Fronteiriça. Trata-se do que passo a denominar de (bios=vida + lócus=lugar) *biolócus*. Por essa conceituação compreendo, então, a importância de se levar em conta numa reflexão crítica de base fronteiriça tanto o que é da ordem do *bios* (quer seja do “objeto” em estudo, quanto do sujeito crítico envolvido na ação), quanto da ordem do lócus (o lugar a partir de onde tal reflexão é proposta). Nessa direção, pensar a partir da fronteira-Sul faz, sim, toda a diferença colonial. Assim, a partir do *bios* e do lócus das vidas encenadas na fronteira, a partir do momento em que “as vidas na fronteira”¹⁰ são concebidas e experimentadas por meio de uma perspectiva outra, assim como as culturas nativas do povo desse *biolócus*, erige-se uma crítica outra que formula e propõe uma “epistemologia fronteriza” na qual, segundo Mignolo, *a reflexão, incorporada nas histórias locais, encontra seu lugar no conhecimento desincorporado dos projetos globais em ciências sociais* (NOLASCO, 2015, p. 59, grifos do autor).

As Relações Internacionais (RI) da América Latina (FERES JÚNIOR, 2005, p. 178) com o restante do mundo passaram a ser (des)pensadas, ou seja, a *epistemologia fronteriza*, pensamento que emerge da margem dos grandes centros, passou a considerar caminhos ainda não percorridos, como o fortalecimento cultural, político e científico para que as hegemonias (QUIJANO, 2005, p. 129) percebam que pensam da margem porém nossa contribuição é valorosa, principalmente, em se tratando de demandas erigidas na América Latina, portanto, o nosso *biolócus* (NOLASCO,

2015, p. 67) é pensar as nossas questões de vida que atravessam o nosso espaço e, a partir dessas questões e deste espaço, nossas relações são estabelecidas internacionalmente e não apenas convalidadas. Nesse viés, Lopez e Vidal acrescentam:

Assim, os porta-vozes neoliberais em vez de lançar luz sobre as condições desiguais no sistema internacional, apenas eternizam as diferenças das condições, tanto no que diz respeito ao relacionamento dos países do centro e da periferia, como de suas frações de classe (LOPEZ; VIDAL, 2022, p. 32-33).

Assim como as referidas pesquisadora contemporâneas, este artigo vislumbrado por meio do pós-doutoramento em relações internacionais demonstra que buscar sistematizações *outras*, ou seja, descoloniais, fomentará o desvio dessas ações de centro que visam abalizar todas as ações em tomada de controle, proporcionando que a periferia busque – através da geração de internacionalistas contemporâneos – olhares desviantes a tudo o que está posto na tríade da cultura, pesquisa e política.

Nesse intento, o processo para se (re)pensar as relações internacionais neste artigo se ancora objetivamente nesse olhar não cartesiano, ou seja, descolonial. Assim e por isso mesmo, a manutenção das relações internacionais com o inventivo fluente dos programas de pós-graduação da América Latina (LOPEZ; VIDAL, 2022, p. 02) prefigurarão uma resposta interacionista entre poderes ainda pouco apreciada pela comunidade acadêmica. O *corpus* investigativo deste artigo visa não apenas apresentar a pesquisa internacionalista através da UFSC, mas provocar na academia essa determinante prática não dependentista incutindo nessa propositiva, caminhos exequíveis para que as relações internacionais não sejam unicamente sequenciadas, mas contrapostas sempre que possível e quando não possível.

REFERÊNCIAS

DUSSEL, E. **Transmodernidade e interculturalidade**: uma interpretação sob a perspectiva da Filosofia da Libertação. *Transmodernidade: Revista de Produção Cultural Periférica do Mundo Luso-Hispânico*, v. 1, n. 3, p. 68, 2016.

- FERES JÚNIOR, João. 2005. *A história do conceito de “Latin America” nos Estados Unidos*. Bauru: USC.
- MIGNOLO, Walter. *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. Cadernos de Letras da UFF–Dossiê: Literatura, língua e identidade, v. 34, p. 287-324, 2008.
- NOLASCO, Edgar César. *Crítica biográfica fronteiriça (Brasil\Paraguai\Bolívia)*. Cadernos de Estudos Culturais, v. 7, n. 14, 2015.
- NOLASCO, Edgar César. *Descolonizando a pesquisa acadêmica: uma teorização semdisciplinas*. CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS, v. 1, n. 19, 2018.
- QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América*. In: LANDER, Edgardo. (Org.). *Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.
- RIBEIRO, Darcy; NEPOMUCENO, Eric. *A América Latina existe?* Editora UnB, 2010.
- SARAIVA, José Flávio Sombra; CERVO, Amado Luiz. *O crescimento das Relações Internacionais no Brasil*. Brasília, IBRI, 2005.
- VIDAL, Camila Feix; LOPEZ, Jahde. *(Re) pensando a dependência latino-americana: Atlas Network e institutos parceiros no governo Bolsonaro*. Revista Brasileira de Ciência Política, 2022.